

HORÁCIO DÍDIMO, DA POESIA PESSIMISTA E DA FINA IRONIA À POESIA DA ESPERANÇA

Aline Leitão Moreira

“A maioria dos poetas, ó pai e moços dignos de pai, deixamo-nos enganar por uma aparência de perfeição. Esfalfo-me por ser conciso e acabo obscuro; este busca a leveza e faltam-lhe nervos e fôlego; aquele promete o sublime e sai empolado; um excede-se em cautelas com medo à tempestade e roja pelo chão; outro recorre ao maravilhoso para dar variedade à matéria una e acaba pintando golfinhos no mato e javalis nas ondas. A fuga a um defeito, faltando arte, conduz a um vício”.

Horácio, A Poética Clássica.

O que não falta a Dídimo, o outro Horácio, é arte. Quando escreve, documenta seus sentimentos, mergulhando profundamente nas palavras e nos faz ir além infinito. São linhas capazes de uma costura como poucas nas letras cearenses.

Horácio, o d’*A poética clássica*, a partir da epígrafe que escolhemos para iniciar nossas palavras, nos fala que na poesia há que se achar a medida certa para o que o poeta precisa dizer; o autor clássico afirma que muitos poetas, na busca pela matéria poética, se perdem por não conseguirem alcançar de fato a arte, conduzidos por ímpetos viciantes.

Horácio Dídimo é hoje uma figura encantadora no auge de seus oitenta e três anos, alguém com quem se quer sentar num final de tarde para compartilhar memórias e um café. A imagem de professor e poeta que o tempo não apagou nos conduziu a buscar bem mais que uma análise de sua poesia, o que julgamos perigoso, diante de um poeta vivo e atuante. Então, o que nos propusemos aqui foi buscar traçar uma panorâmica de sua biografia literária e ensaística, bem como pincelarmos algumas temáticas congruentes na sua primeira obra publicada de poesia.

AD No final do ano passado tive a honra de ir com alguns de meus alunos de Ensino Médio e duas colegas professoras com quem trabalho, assistir a um momento ímpar da Literatura Cearense, por convite da professora Elizabeth Dias Martins, professora do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará. Tratava-se do Cinquentenário, digo, SINQUENTENÁRIO do grupo SIN de poesia, realizado na Academia Cearense de Letras. Nesse evento comemorativo dessa agremiação cearense estavam presentes os poetas do Grupo SIN Roberto Pontes, Linhares Filho e Horácio Dídimo. Também deveria estar Pedro Lyra, porém este havia há pouco falecido.

O fato é que a presença dos poetas supracitados não era o grande trunfo daquele dia. Os poetas ali estavam para recitar seus versos cheios de arte e capazes de comover a todos os expectadores. Roberto Pontes, com seu verbo encarnado e sua poesia insubmissa; Linhares Filho, com sua latência sensual e Horácio, com a palavra e o tempo de chuva.

Este artigo poderia ser sobre os três poetas: Roberto Pontes, Linhares Filho e Horácio Dídimo, os três professores aposentados da Universidade Federal do Ceará, os três talentosos poetas e ensaístas, os três importantes para as Letras Cearenses.

Mas este é um livro sobre Horácio e sua obra. Roberto e Linhares ficarão para as próximas edições, assim espero.

Foi desse evento comemorativo dos cinquenta anos do grupo SIN que veio o entusiasmo de falar de Horácio, aquela figura encantadora da qual já vos falei um pouco antes. É a imagem de quem já viveu muito, aprendeu, ensinou e é grato por tudo.

Nosso encontro com a poesia de Horácio Dídimo se deu no início dos anos dois mil quando no bosque de Letras da Universidade Federal do Ceará nos deparávamos com seus versos diante do berço cultural que é a UFC.

O prefaciador de seu livro *A palavra e a Palavra* nos diz de Horácio:

Horácio Dídimo realiza em si a definição de poeta como um ser em relação privilegiada com o sagrado e o transcendente. Seus poemas, com marcada tendência para o concretismo e indisfarçável inclinação para o surrealismo, nascem espontaneamente no limite entre a palavra e o silêncio, região fronteira entre presença do ser que plenifica a inteligência e o coração, e a sua ausência que matiza de saudade e de mistério os mais íntimos recônditos das emoções humanas. Horácio Dídimo, poeta e místico de muitas qualidades, só poderá ser entendido e saboreado por quem o leia com fina sensibilidade e com alguma vivência de fé (ARAÚJO, 2002, p13).

Araújo encara a poesia de *A palavra e a Palavra* como algo além de poético, ele nos fala de misticismo e fé como pilares necessários à compreensão desta obra horaciana. Afirma ainda que a obra se encontra num entremeio entre silêncio e palavra.

E é nesse entremeio que se faz poesia, exatamente entre o momento do não poético e do fazer artístico que se dá a criação da palavra. Tal palavra que, segundo Goethe, se faz através da consciência de mentalidades próprias e reconhecimento de si mesmo, mas que, assim fazendo, o poeta tem condição para reconhecer intimamente temperamentos alheios. Ou seja, ao olhar para o recôndito de si mesmo, o poeta está a olhar para a humanidade porque é tão humano quanto cada um dos seres.

Segundo Goethe:

Há homens que nasceram com essa disposição natural (para reconhecer intimamente temperamentos alheios), e que a educam, pela experiência, para objetivos práticos. Daí provém a capacidade de, num sentido elevado, ganhar algo do mundo e da sociedade. Com aquela disposição nasce também o poeta, só que ele não a educa para objetivos imediatos e terrenos, mas para um objetivo mais elevado, espiritual, geral (GOETHE, 2000, p 36).

O que Goethe nos diz é que existem pessoas que, sabendo reconhecer a humanidade em sua variação de diferenças, usam isso a seu favor para o reconhecimento social e efetivo, porém o poeta, ao reconhecer o humano, sendo capaz de nos fazer ir além do plano imagético, adentra o âmago de quem se deixa tocar pela palavra, transcende, pouso no espírito; mas nada disso faz com um olhar nesse mundo, pois o que ele vislumbra é o que está adiante.

Horácio Dídimo: biografia profissional, literária e ensaística¹

HORÁCIO DÍDIMO Pereira Barbosa Vieira nasceu em 23 de março de 1935, na cidade de Fortaleza, filho de Dídimo Barbosa Vieira e Emir de Horácio Vieira. Estudou no extinto e tradicional Colégio Cearense. É professor aposentado do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará e criador da disciplina de Literatura Infantil no curso de Letras da UFC. Formou-se em Direito pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e em Letras pela UFC. Fez mestrado em Literatura Brasileira na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Foi advogado do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas e Chefe da Assessoria Jurídica da Secretaria de Viação, Obras, Minas e Energia do Estado do Ceará. Pertencente ao grupo SIN, colaborou com sua poesia na Sinantologia no ano de 1968, volume reunindo poemas dos participantes daquele movimento. É membro da Academia Cearense de Letras (cadeira n. 8, patrono: Domingos Olímpio) e da Academia Cearense de Língua Portuguesa, sócio honorário da Academia Fortalezense de Letras, membro da Academia de Letras e Artes

1 As informações aqui contidas foram pesquisadas em fontes diversas como as orlas do livro do autor *Ficções Lobatianas - Dona Aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*, bem como no site das edições Demócrito Rocha <http://edicoes-democritorocha.com.br/autores/horario-didimo/>, acesso em 13/01/2018, no Portal da História do Ceará http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2751&catid=293&Itemid=101, acesso em 13/01/2018 e na matéria on-line do Jornal *O Povo* do dia 23/03/2015 <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2015/03/23/noticiasjornalvidaarte,3410981/escritor-horacio-didimo-completa-80-anos.shtml>, acesso em 13/01/2018.

do Nordeste, da Academia de Brasileira de Hagiologia, da Academia de Ciências Sociais do Ceará, da Associação Brasileira de Bibliógrafos e membro correspondente da Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris (Salvador- Bahia).

Sua primeira obra a ser publicada foi *Tempo de chuva* em 1967, livro de poesia que lhe rendeu o **Prêmio Universidade Federal do Ceará**. Em 1968 lançou *Tijolo de barro*, também poesia e também premiado, desta feita com o **Prêmio Cidade de Fortaleza**. Ainda em 1968 publicou *Piérvaia Titrat Rússkovo Iazyhá; primeiro caderno de russo* (livro de vinte pequenos poemas em russo com transliteração e tradução em português). Em 1969 lançou outro livro de poesia: *O Chão dos astronautas*. Em 1980 foi a vez de lançar *A palavra e a Palavra e Exercícios de admiração*, também poesia e *O passarinho carrancudo*, literatura infantil. Já em 1981 publicou o ensaio *Poemas e Literatura infantil* e mais uma obra infantil: *Festa no mercadinho*. Em 1982 foi publicado o ensaio *O signo poemático* e três obras infantis: *A escola dos bichos; As Historinhas do Mestre Jabuti e O desfile das letras*. Em 1983 foi a vez de mais três livros infantis *As flores e os passarinhos; Um novo dia e A cara dos algarismos* e de mais um ensaio: *As funções da linguagem e da literatura*. Em 1984 publicou-se mais uma edição de *A palavra e a Palavra*. Em 1985 foi publicada a obra de poemas infantis *As reinações do rei (antologia de poeminhas reais)* e o ensaio *As sete dimensões do exercício de escrever*. Em 1986, mais um ensaio: *As funções da Literatura infantil* e a obra infantil *O menino perguntador*. Em 1987 foi a vez de lançar o livro *Esperantaj poemetoj*, livro de pequenos poemas em esperanto com tradução em português e *Exercícios de transcrição*, paráfrases de poemas de Púchkin, baseadas nas traduções de Hesíodo Facó. Em 1988, mais poesia com o livro *Exercícios de navegação* seguido em 1989 com outro livro de poesia *Exercícios de contemplação*. Em 1990 publicou o ensaio *As dimensões do magistério de Letras*. Em 1991 voltou à poesia e publicou *A nave de prata* (livro de sonetos) e *Quadro verde* (livro de poemas visuais). Em 1994 publicou o ensaio *As dimensões do ofício de escritor*. Em 1996 publicou *Ficções Lobatianas – Dona Aranha e as seis aranhas no Sítio do Picapau Amarelo*, obra ensaística fruto de sua tese de Doutorado. Em 2002 foi publicada a terceira edição

de *A palavra e a Palavra*. Em 2003 *O passarinho carrancudo* foi reeditado. Em 2010 foi *As historinhas do mestre Jabuti que ganhou uma reedição*. Em 2011 publicou a obra infantil *O menino perguntador*. Em 2015 publicou *A estrela azul da fé e da poesia* e *O livro dos Sonetinhos* em 2016.

A palavra e a Palavra e o Tempo de chuva

A obra *A palavra e a Palavra* é uma das obras mais conhecidas de Horácio Dídimo, obra a que tive acesso no curso de Letras por meio do interesse na figura do então professor da UFC.

A palavra e a Palavra, no entanto, não é uma obra de Dídimo, mas três obras, pois é a compilação de *Tempo de chuva*, *Tijolo de barro* e *O passarinho carrancudo*, somadas as três obras são a palavra em minúscula, a palavra do poeta, a palavra humana; acrescentou-se a essa palavra a outra Palavra, a escrita em maiúscula, a Palavra que representa o divino, a Palavra bíblica.

O prefaciador de *A palavra e a Palavra*, já mencionado em nosso texto, é o padre Francisco Sadoc de Araújo, alguém conhecedor da Palavra e capaz de compreender também a palavra do poeta.

Segundo Araújo *A palavra e a Palavra* é um exercício de vivência de fé, para ele:

Horácio Dídimo, na sua vivência de fé, descobre a beleza da Palavra guardada no significado de todas as palavras. Em cada um dos 148 pequenos poemas que compõem o livro o autor procura transmitir uma imagem, ou reflexo de uma mensagem, que nos ponha em contato direto com o significado da Palavra guardado nas dimensões temporais de qualquer experiência humana. Em todos os momentos de nosso viver histórico há um sentido de cunho escatológico. Há algo que fica em tudo que passa. A síntese do livro se acha condensada na “palavra chave” que já não fecha nem abre, na palavra amor que muda de cor, na palavra verde que amadurece e na palavra ave que voa no papel. Tudo é transitório, instável e provisório, exceto a Palavra eterna, e o poeta sente a verdade

da premissa: “passará o céu e a terra” – e presente a felicidade da promessa: “minhas palavras porém não passarão” (ARAÚJO, 2002, p15).

Para Araújo, Dídimo realiza sua palavra de poeta através de uma tensão estética com a Palavra divina, do que resulta, deste modo, um movimento dialético entre a realidade existencial e a mensagem bíblica.

Nos remetendo em especial a *Tempo de chuva*, sua primeira obra publicada e ganhadora do **Prêmio Universidade Federal do Ceará**, podemos destacar algo de pessimismo e ironia, verve que o autor transmutará em esperança quando de sua maturidade literária. Segundo o autor, em entrevista dada ao jornal *O Povo*, no ano de 1998²:

Esse crescimento na esperança, esse crescimento no otimismo veio desembocar plenamente na literatura infantil. No meu primeiro livro, *Tempo de chuva*, já apareciam textos de literatura infantil que foram intertextualizados. Existem histórias do Grimm e do Andersen que foram recontadas ao modo infantil, mas há, como você falou, uma certa tristeza, um certo pessimismo que depois foi completamente dissolvido pela experiência religiosa. (...) Passei a ver a palavra poética, a palavra literária como reflexo de Deus, da palavra divina. Vejo até um sentido trinitário na própria palavra, porque ela é formada de silêncio, de som e de sentido. E eu vi nisso aqui uma imagem trinitária do silêncio criador do pai, da palavra redentora do filho e do sentido santificador do Espírito Santo (DÍDIMO in ARAÚJO, 1998).

Dídimo afirma ser *Tempo de chuva* uma obra em que se faz presente certo pessimismo, no entanto, o autor afirma que essa verve não perdurará, já que incorpora a esperança diante de sua experiência religiosa. São vinte e seis poemas que matizam em cores ora terrosas, ora cinzentas o quadro da poesia de Dídimo. E se esse quadro de tons desesperançosos

2 Entrevista concedida a Felipe Araújo do jornal *O Povo* em 04/04/1998 e republicada on-line em acervo de entrevistas em 17/07/2012 <https://www20.opovo.com.br/app/acervo/entrevistas/2012/07/17/noticiasentrevistas,2880212/horacio-didimo.shtml>, acesso em 12/01/2018

não será completamente inspirador de suas obras seguintes, porém uma pincelada será a mesma: a brevidade de seus poemas. Tal brevidade comparada por Roberto Pontes à de epigramas, não ao molde clássico, mas uma recriação destes. Segundo ele:

etimologicamente, o termo epigrama é de origem grega, significando seu primeiro elemento mórfico, epi, sobre; e o segundo, gramma, escrito. Conforme a tradição poética, epigramas eram inscrições colocadas sobre jazigos, monumentos, esculturas, medalhas e moedas, entre outras coisas, em verso ou prosa, com a finalidade de perpetuar um acontecimento digno de registro ou chamar atenção para uma vida notável. Mas se estas características lhe são próprias até hoje, o mesmo não se dá com a sua finalidade, a qual, através dos séculos, deixou de ser a celebração de acontecimentos e vidas, convertendo-se em modo poemático adequado à defesa da liberdade, ao combate à tirania, ao culto do vinho e do amor, à sátira, ao obsceno, ao escatológico. Modernamente, o epigrama retoma sua possibilidade irônica e satírica, sendo este o caso de Horácio Dídimo, que o usa para obter textos de cunho político, gnômico, paródico, humorístico e fabulístico com certa frequência (PONTES, 2001).

Desse modo, para Pontes, Dídimo é uma espécie de atualizador de um epigrama escrito ao seu próprio estilo, mas agregando características enraizadas do gênero.

Dídimo, em *Tempo de chuva*³, inaugura sua poesia breve e eficaz, capaz de nos dizer, mesmo quando não nos diz, das desesperanças, do pessimismo e ironicamente. O poema “a chuva”, que abre o livro, dispõe para o leitor a outorga de quem já há muito esperava pelo presente momento e nos leva a considerar o que observamos ser algo que concerne a ideia de tempo presente em vários poemas da obra.

3 Aqui utilizaremos o *Tempo de chuva* da edição de *A palavra e a Palavra*.

vou recomeçar
como se fosse uma continuação
como se eu houvesse persistido toda a minha vida

e esta tarde nublada não me mete medo
eu aceito
podem dizer a todo mundo que eu aceito

não é preciso subir nem descer
basta que eu fique aqui neste momento
aqui
agora
olhando através das vidraças
a água que começa a correr
(Dídimo, 2002, p. 21)

A espera não causou medo, mesmo diante das intempéries, o eu-lírico observa e aceita o que a chuva traz através do tempo cronológico, mas também do tempo climático. Se a chuva o faz ter que esperar é também a chuva que começa a correr e o faz parar para observar.

No poema “a seca” também o veredito do tempo é mister. Aqui também se percebe a presença de dois tempos: cronológico e climático. Vejamos:

o pior é que o dia de hoje
amanhã
será ontem
sei que vocês sabem de tudo
mas não me contam
acabou-se o grande consolo
da tua voz de terra bem chovida
é a seca
eu bem que disse
é um tempo que não tem anestesia
(Dídimo, 2002, p. 25)

O tempo cronológico aqui leva ao fim do tempo climático, leva embora a chuva fértil, a presença de alguém, a quem metonimicamente evoca como a voz. A seca se instala, e com ela vem a ausência sem remédio, ausência do que não retorna.

A noção de tempo cronológico e do que este tempo leva embora está presente em outros poemas como, por exemplo em “as doces meninas de outrora”, como podemos ler a seguir:

as doces meninas de outrora
amanheceram
vestiram os vestidos novos
pintaram as unhas de vermelho
por um instante resplandeceram
depois baixaram as cabecinhas louras
e envelheceram como as flores
(Dídimo, 2002, p. 29)

O tempo leva embora a juventude das meninas, que apenas por uma brevidade instantânea podem resplandecer, para, logo em seguida, declinarem implacavelmente para a velhice. A voracidade do tempo funciona como uma sentença que se cumpre com uma rapidez acelerada pela própria brevidade dos versos que o eu-lírico nos traz.

Em “a lâmina” o tempo cronológico conjuga implicitamente os verbos acabar e desiludir através de seus versos. Vejamos:

cada dia que se passa
após
meticulosa
anestesia
local

a lâmina fria das circunstâncias
corta de leve
pequeninos sonhos
(Dídimo, 2002, p. 24)

O que ocorre é que cada dia que passa é como uma lâmina fria a cortar sonhos e esperanças, que configuram em acabar com os pequenos sonhos e desejos de coisas a serem realizadas, desiludindo o eu-lírico diante dessa lâmina fria do tempo.

O tempo e a constante de coisas findas em *Tempo de chuva* pode ser percebida em muitos outros poemas, como em “a estrada”, por exemplo:

vou andando romântico e macambúzio
cheio de ideias velhas

e sobrenomes antiquíssimos

é esta uma das formas de dizer adeus
(Dídimo, 2002, p. 22)

A estrada que acaba conota em tudo o que a vida pode levar embora, em todo adeus que precisa ou que será dito involuntariamente, o que, para o eu-lírico, se faz, muitas vezes, por seu modo de ser.

Também em “bem se vê”, repete-se a ideia de tempo voraz e de coisas findas, como podemos ver adiante:

bem se vê que agora é muito tarde
é a hora em que o teu sorriso
não pode mais significar
é a hora cansada da derrota
das distâncias constantes
das solidões inapagadas

agora é ficar
ficar e terminar
não dizer nada a ninguém
que não há ninguém
que já virou ontem
o presente eterno que trouxeste

um dia tinha que ser
e veio um dia que foi
(Dídimo, 2002, p. 30)

A ideia de tempo está ligada a um certo pessimismo e descontentamento. Um sorriso de outrora já não mais significa, a distância e a solidão são uma constante, consequências do tempo implacável.

A recorrência do tempo nos poemas aqui citados vem tomada de aniquilação, sem, contudo, impetrar um sentido de revolta ou anarquia. O eu-lírico parece-nos sempre pessimista de uma dor angustiante, uma dor que está além das palavras. Dor que se fará esperança diante de seu encontro com o divino e que será sua constante em boa parte de sua obra.

Referências

ARAÚJO, Felipe. “Entrevista com Horácio Dídimo”, in: *O Povo* em 04/04/1998 e republicada on-line em acervo de entrevistas em 17/07/2012. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/acervo/entrevistas/2012/07/17/noticiasentrevistas,2880212/horacio-didimo.shtml> Acesso em 12/01/2018

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. “A mensagem de um poeta místico”, in: *A palavra e a Palavra*. Fortaleza: Editora UFC, 2002, p.13-18.

HORÁCIO. *A poética clássica*. São Paulo: Editora Cultrix, 2005, p. 55-68.

BLOC, André. “Horácio Dídimo completa 80 anos”, in: *O Povo* do dia 23/03/2015. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2015/03/23/noticiasjornalvidaearte,3410981/escritor-horacio-didimo-completa-80-anos.shtml> Acesso em 13/01/2018.

DÍDIMO, Horácio. *Tempo de chuva*, in: *A palavra e a Palavra*. Fortaleza: Editora UFC, 2002, p. 20-46.

_____. “Orelhas do livro” in: *Ficções Lobatianas– Dona Aranha e as seis aranzinhas no Sítio do Picapau Amarelo*. Fortaleza: Editora UFC, 1996.

Edições Demócrito Rocha. “Horácio Dídimo”. Disponível em:

<http://edicoesdemocritorocha.com.br/autores/horario-didimo/> Acesso em 13/01/2018

GOETHE, J. W. *Escritos sobre literatura*. Rio de Janeiro: 7letras editora, 2000.

PONTES, Roberto. “Horácio Dídimo e o epigrama recriado” in: *Revista da Academia Cearense de Letras*, 2001. Disponível em: http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/revistas/2001_02/

ACL_2001_02_003_Horacio_Didimo_e_o_epigrama_recriado_-_Roberto_Pontes.pdf Acesso em 12/01/2018.

Portal da História do Ceará. “Horácio Dídimo”. Disponível em:

http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2751&catid=293&Itemid=101 Acesso em 13/01/2018